

**XVII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano EPFCL –
Brasil**

UNIP Paraíso - São Paulo, SP

12 - 14 de novembro de 2016

Mais informações no site: www.campolacaniano.com.br

Prelúdio 1

**PSICANALISTAS: “mais um esforço!”^[1]
RESPONSABILIDADE DO DISCURSO DO PSICANALISTA NA
ATUALIDADE**

Dominique Fingermann

“Psicanalista, mais um esforço para ser contemporâneo!”

É comum ouvirmos entre nós: o Discurso do Psicanalista é incompatível com o Discurso do Capitalista; o sujeito da modernidade que possibilitou o “acontecimento Freud” já não seria mais condizente com o sujeito do mundo contemporâneo. Os tempos que correm, a maquinação da ciência com o mercado conspiram para não nos deixar psicanalisar tranquilamente como outrora.

Uma outra versão desta mesma desconfiança é dizer que a psicanálise, inventada no século XIX, não combina mais com a temporalidade do século XXI. “Psicanalista, mais um esforço para ser contemporâneo!”: abram seus círculos fechados e viciosos, ventilem seus velhos conceitos, renovem seus jargões, avaliem a sua eficácia, democratizem suas instituições, encurtem e barateiem as vias de formação, facilitem o acesso dos jovens analistas ao “mercado”.

Os problemas cruciais da psicanálise na atualidade consistiriam em uma questão de adequação ou inadequação do psicanalista ao discurso contemporâneo (ou seja, à modalidade de tratamento do gozo que o século XXI oferece).

Com mais de vinte anos de distância, Lacan, atento à questão da extensão da psicanálise no mundo, enuncia quase a mesma sentença imperiosa e zelosa, ligando a permanência do Discurso Psicanalítico no mundo à presença efetiva dos analistas responsáveis pela posição do inconsciente.

Em “Função e campo da fala e da linguagem” (1953), Lacan condiciona a permanência da práxis analítica conectada ao “horizonte da subjetividade da época”, à formação do analista, “o fim da análise didática”: “longa ascese subjetiva”.^[2] Lembramos o rigor de seu imperativo, que almeja proteger a prática da psicanálise de sua obsolescência: “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”.^[3]

Em 1974, na “Nota Italiana”, Lacan persevera, e sua injunção assesta precisamente o famoso “autorizar-se de si mesmo”, que causa tantos mal-entendidos na comunidade analítica a respeito da orientação lacaniana: “Que ele não se autorize a ser analista, porque nunca terá tempo de contribuir para o saber sem o que não há chance de que a análise continue a dar dividendos ao mercado”.^[4] Autorizar-se de si mesmo é um acontecimento ético que só pode acontecer ao cabo de uma demonstração lógica. “Autorizar se de si mesmo” é um ato ímpar, oriundo da prova da solidão e de singularidade de quem não se apoia mais no saber e na garantia do Outro mas no saber do inconsciente, que ele precisa fazer valer em cada caso, cada ocasião que a demanda analisante atualiza. Será desde esta solidão que o psicanalista deve “contribuir ao saber” da psicanálise e explicitar frente a alguns outros as “razões da sua clínica”.

Psicanalistas, mais um esforço!: “Para que a psicanálise torne-se um ato por vir ainda”^[5]

O problema crucial da psicanálise na atualidade é a manutenção de sua posição atópica (a posição do inconsciente), e a perseverança da subversão topológica de seu laço ao avesso do bom senso e da moral do mundo.

O problema crucial da psicanálise permanece sendo a formação do analista capaz de inventar a radicalidade de seu ato ímpar, do qual ele precisa dar prova. A prova de analista é o seu estilo, a sua distinção, a sua resposta singular, seu *sinthom* dirá Lacan, isto é, sua resposta à “não relação sexual”.

Freud estabeleceu a “regra de três” dessa provação: análise didática, estudo da teoria, supervisão. Lacan inscreveu a Escola como lugar dessa prova e da garantia da manutenção das condições do ato. A deformação do analista,

subsequente à sua subversão pela sua análise pessoal, precisa ser garantida pela sua provação permanente; sua maneira de praticar o estudo da teoria e de se arriscar na supervisão será suficiente se, e somente se, permanecerem necessárias e não cessarem de se inscrever.

Qual seria a urgência da manutenção da presença da psicanálise no mundo?

A finalidade da experiência da psicanálise, que a vetoriza até seu fim, consiste em proporcionar uma via de acesso à singularidade, ao “Há Um”, que causa cada Um como ímpar, diferentemente do universal da castração e das suas incidências particulares.

Daí decorre a urgência e a dimensão eminentemente política da psicanálise, que pode fazer frente ao mal-estada civilização da atualidade.

Freud, em seu tempo, não deixou de se preocupar em relação aos cataclismos da humanidade que assombravam a sua atualidade. Lacan, por sua vez, desde a sua apreensão clínica da estrutura do humano, pôde infelizmente antecipar o que estava por vir dos acontecimentos da nossa atualidade.

Não por acaso, no texto *princeps* que interpela e orienta a formação do analista, ele alerta a respeito do mal-estar contemporâneo: “Nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação”.^[6]

A responsabilidade do Discurso do Psicanalista hoje é a sua consideração fundamental, a contracorrente do Discurso comum pela angústia e o sintoma, sinal do real e signo da marca singular da estrutura no sujeito. Quando esta marca não é mais relevante para a ex-sistência de cada Um, então a universalização acachapante e a segregação dos excluídos do mercado e da sua globalização colocam em xeque o melhor que pode acontecer quando alguém consegue pôr em jogo, no jogo da civilização, a causa da sua singularidade.

[1]SADE, Marquês de. (1795). *A filosofia na alcova*. São Paulo: Iluminuras, 1999, p. 454. “(...) Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos”.

[2]LACAN, Jacques (1953). “Função e campo da fala e da linguagem” In: *Escritos*, op. cit., p. 322

[3] *ibid.*

[4]LACAN, Jacques (1974). “Nota italiana” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 314.

[5]LACAN, Jacques (1968). “Introdução de *Scilicet*” In: *Outros escritos*, op. cit., p. 293.

Prelúdio 2

Política do *sinthoma*– uma questão crucial

Antonio Quinet

Neste momento de grande turbulência política no Brasil, pergunta-se frequentemente: qual a relação do psicanalista com a política? Devem os psicanalistas permanecer "neutros" no espaço público para que seus pacientes – os que pensam diferente - não tenham suas análises abaladas? Não seria este pensamento um tanto contaminado pelo estereótipo do "analista" e por outros discursos alheios à psicanálise? Mas atenção, Lacan nos deixou a pergunta: "E quando a psicanálise houver deposto as suas armas diante dos impasses crescentes de nossa civilização que serão retomadas por quem?" (Lacan, "A psicanálise. Razão de um fracasso"). Não esperemos chegar a esse ponto, temos as nossas armas – as que nos fornecem a teoria e a clínica psicanalíticas.

"A intensão no político só pode ser feita ao se reconhecer que é só do gozo que há discurso" (Lacan, Seminário XVII). A política é uma forma de tratamento do gozo: modalidade de dominar e regular o gozo. Esse tratamento, no discurso capitalista – que é o falso laço social que determina os impasses atuais da nossa civilização - é "a espoliação do gozo". Marx a designa como a *mais-valia*, "um memorial do objeto *a*, mais-gozar". Assim a mercadoria é fabricada como objetos *a* forjados. Daí que a política do discurso capitalista é transformar o mais de gozar de cada um em mais-valia para o gozo do capitalista.

Para a política do psicanalista, o discurso capitalista como laço social não se opõe ao socialismo e sim a todos os outros discursos que são os verdadeiros laços. Mas o capital contamina todos os discursos com seu luxo prometido e

seu lixo embutido. O discurso do mestre corrompendo os governos e os políticos que vendem a representatividade (de quem neles votou) às empresas (desde o financiamento de campanha até o fim do mandato). O discurso universitário privatizando a educação, preparando os alunos para o mercado espoliando seu gozo, colocando o conceito de produtividade à frente da excelência. E ainda contamina o discurso histórico fazendo do sujeito um consumidor contumaz em seu desejo insatisfeito por uma melhor aparência e status para melhor se fazer desejar. E pode também contaminar o discurso do analista que não esteja prevenido e advertido de não se deixar guiar por tudo o que não seja o próprio do desejo do analista: o de levar cada sujeito à sua pura diferença.

O que a psicanálise nos ensina é que tem algo do gozo que não é coletivizável, na medida em que é aquilo que cada sujeito tem de mais singular. É o que não faz plural, mas não deixa de fazer parceria. E isto é uma questão a ser levada em conta na política. A singularidade é o modo como cada um goza de seu inconsciente, ou seja, seu *sinthoma*. A política da psicanálise é a política do *sinthoma*. E ao levá-la para o mundo e poder se defrontar com a “civilização”, o analista estará se situando politicamente contra os discursos que fazem obstáculo ao *sinthoma* de cada um, que hierarquizam formas de parcerias sexuais, que discriminam determinadas maneiras de gozar, que excluem fala-a-seres por suas opções, cor, credos, classe social e suas aspirações e *sinthomas*. O psicanalista não pode ser preconceituoso e deixar-se contaminar pela moral, religião ou o discurso da ciência que foraclui o sujeito. A psicanálise é antirracista, pois admite que o estrangeiro habita o âmago de cada um e o diferente (heteros) é parte de si. Cabe ao analista fazer entrar a consideração pelo gozo do *sinthoma*, com sua singularidade, no discurso de sua polis. E no espaço público e no privado, trazer a política que sua prática ensina.

Prelúdio 3

Semantofilia

Jairo Gerbase

Há similaridade ou contiguidade entre os significantes do poema de Leminsky, ferve água, frita ovo, pinga pia. São esses dois aspectos da linguagem de que um usuário da língua lança mão para fazer um poema.

O mesmo pode-se dizer do chiste que, enquanto formação do inconsciente, é feito de significantes, como se pode notar em legado-delegado.

Também se pode dizer o mesmo do ato falho. Alguém queria dizer que um parente próximo adoeceu de Alzheimer, mas errou e disse que adoeceu de Aids. É facilmente notável que houve aí uma troca de palavras, uma palavra por outra, um significante por outro.

O sonho igualmente é feito de palavras, mesmo que seja pictórico, interessa nele o fato de que é uma formação de significantes. Alguém sonhou que teve cinco filhas que eram tão pequeninas que cabiam dentro de um envelope de cartas. Eram filhas-cartas.

Porém, a tarefa inquietante consiste em demonstrar que isso também acontece com o sintoma, que a angústia é um trocadilho de significantes, que a tristeza é um jogo de palavras, que a alucinação é uma estrutura sintática.

Alguém me disse que tem medo de entrar sozinha no elevador, que talvez isso se deva a uma praga de mãe: “atrevida desse jeito, você vai acabar sozinha”. De fato, aos sessenta anos, ela é uma pessoa só, sem parceiro, sem filhos, segregada e com medo. O medo de elevador traduz a frase “não posso ficar sozinha”, do mesmo modo que a neuralgia do trigêmeo de Cecília traduz a frase “foi como uma bofetada no rosto”.

Aristóteles disse que falamos para significar, mas não é isso que acontece quando fazemos um chiste. E me impressiona que se possa provocar no corpo do outro o afeto do riso com um jogo de palavras.

O chiste joga com a homonímia, como em alegria-alergia, e afeta o corpo. É propriedade de um significante afetar um corpo, mas Aristóteles não quer que seja assim, ele quer que o significante apenas signifique, ele quer demonstrar o princípio da não contradição por meio de uma série de equivalências tomadas como evidências, ou seja, que falar é dizer algo, dizer algo é significar algo, significar algo é significar algo que tenha um sentido, e só um, o mesmo para si e para o outro, enquanto que um sofista, tal como Górgias, diz que há significado nas palavras, mas há também outra coisa, que é o significante. O significante produz efeitos sobre o corpo que são afetos.

Freud conseguiu indicar, em cada caso, o significante que afetava o corpo, o significante-sintoma. Hoje, torna-se mais difícil demonstrar que a angústia, a tristeza e a alucinação são afetos provocados pelo significante.

Reuni esses três afetos porque são ao mesmo tempo sintomas, estão situados como em uma superfície unilátera, são afetos-sintomas ou são sintomas-afetos. Eles comparecem quando falta um significante para nomeá-los. Assim é a teoria da angústia, que diz que a presença do objeto, que é o mesmo que dizer a presença do real, que é o mesmo que dizer a presença do inefável provoca a angústia. Por outro lado, a falta do objeto, a perda do objeto provoca a tristeza. A presença do objeto inefável provoca a angústia, o que hoje se denomina ansiedade. A ausência do objeto indizível provoca a tristeza, o que hoje se denomina depressão. A perda real do objeto suscita a perda do objeto real. Faz o objeto *a* comparecer como o verdadeiro objeto perdido. E esse objeto, quando está radicalmente perdido, foracluído, aparece desde fora como uma voz, o que se denomina alucinação.

Por isso reuni os três efeitos da impotência do significante (S_1) de dizer ou da impossibilidade do objeto (*a*) de se deixar dizer, a angústia, a tristeza e a alucinação. Eles podem ser reunidos a partir dessa lógica. Eles são sintomas. O que queria mostrar é que eles são trocadilhos como o chiste. O que é notável na alucinação: “Porca. Eu venho do açougueiro”. Há, nessa estrutura sintática, prótase e apódose, como no exemplo: “Cocorocó. Galinha do Pelô”, ou em *Augenverdreher*, meus olhos

estão tortos, quer dizer, fui enganada. É mais fácil notar na alucinação que o sintoma é feito de significantes.

Quisera poder fazer observar que o mesmo acontece na angústia, na tristeza, na iteração de uma frase como *don't let me down*, que denominamos obsessão, etc.

Um problema crucial da psicanálise na atualidade é, quero crer, a resistência em praticar *essalologologia*, e, ao contrário, nossa preferência por uma *semantologia*, nossa amizade ao sentido, nossa *semantofilia* [1].

Lacan propôs que retornássemos aos textos canônicos de Freud. Em Freud, o sentido do sintoma se situa no complexo paterno. As cinco grandes análises indicam isso. Klein faz o giro teórico para o cuidado da mãe, para a “falta básica” que deve ser preenchida pelo “*primary love*”. A falta do amor primário é o motivo de todos os problemas morais. Um dos seus alunos deduz que a mãe deve ser suficientemente boa.

Quando Lacan entra em cena com *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, lança seu aforisma “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” e, dessa maneira, muda o paradigma da prática analítica. Daí porque penso que é perda de tempo analisar a relação do significante com seu referente, o significado. É preciso analisar a relação de um significante (S_1) com um outro significante (S_2), relação na qual o sujeito (\$) é representado. Os exemplos dessa relação são inesgotáveis: maca cama, ferve água, pinga pia, Sigmund Signorelli, etc.

A questão é saber se, tal como podemos promover o afeto do riso por intermédio de um significante, podemos desfazer um sintoma através de um significante. Preciso do sentido do significante para desfazer o sintoma ou basta a nomeação do significante para diz-solver o sintoma.

Estamos habituados a pensar que o saber depende do sentido, mas o saber é um significante colocado na posição dois (S_2), então, é o mesmo significante (S_1) colocado em outra posição como o mesmo e o outro significante. O saber é um significante, mas estamos habituados a tratá-lo como um sentido.

Cassin[2]foi quem explicitou melhor para mim o conceito de decisão do sentido de Aristóteles. Falar é significar uma coisa unívoca para quem fala e para quem ouve. Querer dizer algo é, para Aristóteles, a condição para que um homem possa se dizer homem, isto é, um animal dotado de *logos*, o que os latinos traduzem por *ratio* razão e *oratio* discurso.

Ao contrário, para os antifilósofos ou sofistas há alguma coisa no falar, um *logos* que não depende do sentido das palavras, mas do som da voz e das palavras. Daí porque recomendam não falar para significar, mas falar pelo prazer de falar.

[1]Cf. THAMER, E. Contra a semantofilia. *Stylus*7, p.98-107, 2003.p.98.

[2]CASSIN, B. *Jacques le Sophiste Lacan, logos et psychanalyse*. Paris: Epel, 2012. p.121.

Prelúdio 4

Fórum - Cartel e Escola – Passe

Glaucia Nagem

O cartel e o passe são a base para a Escola proposta por Lacan. Um problema crucial para a psicanálise é, desde Freud, como formar um analista e Lacan se ocupou deste problema durante todo o seu ensino. “Me preocupo por saber se aqueles psicanalistas a quem ensinei algo transmitiram propriamente o que disse” afirma Lacan na aula do dia 2 de fevereiro de 1966. O que transmitem? De onde se transmite? Essas perguntas nos apontam para os dispositivos de Lacan.

Sabemos que para a base de sua Escola Lacan propõe dois dispositivos: o cartel e o passe. Seriam esses dispositivos uma tentativa de tratar o problema da formação dos analistas em sua Escola? A partir desse mínimo podemos articular as bases do que se construiu como a IF-EPFCL? Podemos pensar na vizinhança dos fóruns com os cartéis e da IF com o passe?

O infantil nos ensina a cada volta da psicanálise. Nele jogamos com coisas sérias. Quem não lembra do passa-anel e do telefone-sem-fio? No primeiro temos um jogo que faz circular um anel. No segundo uma pessoa diz no ouvido da outra uma frase. Esta segunda dirá para a seguinte o que ouviu e assim sucessivamente até que a última diga como a frase chegou até ela. Este jogo faz circular as palavras, seus equívocos e a tentativa de escutar o que foi dito e transmitir essa escuta.

Proponho que pensemos o cartel como tendo essa pegada do jogo do passa-anel. O cartel-passa-anel é esse dispositivo que faz circular o saber

um a um. Dobradiça que movimenta, que não permite que se fixe, que se cristalice, pois ele d'escola. Afinal, sem dobradiça uma porta vira um muro.

Para o passe, pensemos o telefone-sem-fio. Nele o desejo do analista é posto a circular como voz, de um a um até que uma nomeação seja sacada. O Passe é uma aposta de Lacan para recolher em sua Escola o que é possível transmitir do desejo do analista em uma análise.

No momento da Cisão de 98 temos mais um passo de aposta: Ao invés de uma Escola com uma sede e uma direção, apostou-se numa Escola que se constitui de fóruns.

Fóruns-passa-anel. Proposta de um conjunto regulado por dois princípios básicos: a iniciativa e a solidariedade, reunindo-se de diversas formas. Parece que a ideia de montar uma estrutura onde os fóruns não são Escola, mas tem a sua Escola, segue a aposta lacaniana onde os dispositivos apontam sempre para o movimento e para o furo. IF-EPFCL, esse é o nome que demos para esse conjunto que se supõe furado e que aposta na orientação pela Escola.

Na carta de Princípios, os Fóruns, como os cartéis, são a dobradiça para movimentar os laços da psicanálise em seus três eixos: “a crítica, a articulação com os outros discursos e a polarização em direção a uma Escola de Psicanálise”. Porém, a mesma carta nos adverte que “Esses fóruns do Campo Lacaniano não são Escola, e não outorgam nenhuma garantia analítica”. Como pensar então a formação e a garantia?

Escola-telefone-sem-fio. Da Escola e de seus membros se espera: 1) sustentar “a experiência original” em que consista uma psicanálise e permitir a formação dos analistas; 2) outorgar a garantia dessa formação pelo dispositivo do passe e pela habilitação dos analistas “que deram suas provas”; 3) sustentar “a ética da psicanálise que é a práxis de sua teoria”. Ora, isso nos convoca a refletir que há uma responsabilidade nos passos dirigidos aos diferentes espaços de nossa organização. Topamos montar nossa estrutura sobre os princípios propostos por Lacan. Assim, temos passos importantes a serem dados e responsabilidades a serem assumidas. Da Escola, como do passe, esperamos que algo se transmita da psicanálise. Algo que sustente a formação e convoque as provas “de analista” em jogo na transmissão apoiada na ética que nos orienta.

Estamos no mundo. Esperamos que os fóruns cumpram sua função de movimentar a crítica, a articulação com os outros discursos e a polarização em direção a uma Escola. Esperamos que da Escola seus membros sigam a responsabilidade ética da transmissão da psicanálise em sua dimensão de formação contínua e que deem a prova, a cada vez em que a transmissão esteja em jogo.

E os tais problemas cruciais para a psicanálise na atualidade? Afinal, o que está na berlinda a cada vez é a formação dos psicanalistas. A cada vez a aposta de que os fóruns sigam articulando e movimentando sua Escola e que a Escola siga seu compromisso ético da transmissão. Ainda hoje, só esse compromisso ético na formação dos analistas pode tratar os problemas cruciais para a psicanálise.

Gláucia Nagem - psicanalista membro da IF-EPFCL - FCL- São Paulo

Prelúdio 5

“Problemas cruciais para a psicanálise na atualidade”

Ideias Verdes Incolores Dormem Furiosamente

Christian Ingo Lenz Dunker

É com esta frase que Lacan abre o seminário sobre *Problemas Cruciais da Psicanálise* (1964-1965), ao longo do qual aborda quatro problemas. A estrutura do tratamento psicanalítico segundo o modelo da Garrafa de Klein. A renovação da teoria do significante à luz da crítica à concepção de linguagem proposta por Chomsky e segundo o método de Frege para formalizar a teoria dos números. A concepção de fantasia à luz do caso clínico de Serge Leclair e seu sintagma fundamental: “*poord’jely*”. O problema da produção de simulacros em Platão e sua relação com a verdade para redefinir o psicanalista como “*a presença do sofista em nossa época*”.

Meio século depois disso podemos tomar distância da parcialidade das questões assim colocadas, mas também de seu valor antecipatório.

A discussão sobre a regularidade de procedimentos que poderiam definir o método psicanalítico tornou-se candente. Sem que exista alguma comensurabilidade entre as diferentes experiências a que chamamos psicanálise é possível que nossa idiossincrasia epistemológica nos transforme em um capítulo de literatura mal feita. Contudo, o caminho do modelo lógico matemático continua minoritário diante das estratégias operacionalizantes e indutivistas. Nem nossa escrita de casos nem nossa acumulação de relatos de passe conseguem produzir uma diferença contável.

Nosso debate com as ciências da linguagem curiosamente inverteu sua direção. Hoje são as análises de discurso e as teorias da enunciação que se vale dos conceitos de Lacan, enquanto nossa fundamentação deixou de lado os avanços das novas concepções de linguagem e suas interessantes consequências para a poética e para as artes.

A teoria do final de análise depende tanto do entendimento que se tenha do conjunto do tratamento, de seus limites e variedades, quanto da matriz de formalização que se pretenda extrair da linguagem ou da lógica. Quanto a ela pouco se fez, apesar dos esforços em distinguir finais de análise, no lado homem, no lado mulher, ou quiçá no transgênero.

Finalmente, quanto ao lugar do psicanalista na cidade, ele nunca foi tão próximo do sofista. Político ou crítico é em sua extração social que a psicanálise permanece como um discurso de resistência, não sem reconhecer que toda resistência é de discurso. Quanto a este problema ainda nos deparamos com os efeitos deletérios da concepção acósmica de mundo, sua constituição endogâmica, ou em estrutura de condomínio. A expansão da lógica segregativa não foi capaz de criar uma nova topologia da experiência de mundo. O mito de Édipo foi objeto de revisão simbólica pela antropologia pós-estruturalista. A identificação ainda remanesce como problema imaginário entre a massa, o grupo e a classe.

Ou seja, os problemas cruciais da psicanálise hoje, ainda são os de cinquenta anos atrás, mas com o agravante de que suas respostas envelheceram. Nossos interlocutores

mudaram. De Chomsky emergiram as neurociências, de Frege a filosofia analítica, de Platão os novos filósofos “lacanianos”. Quanto a Leclaire, o primeiro caso clínico laciano, este terá sido apenas o início de uma série, cuja razão extrema e média harmônica ainda está por ser calculada.

As ideias verdes de Lacan ainda dormem, cada vez mais furiosamente, incolores mas não indolores.

Prelúdio 6

“Problemas cruciais para a psicanálise na atualidade”

Esta semana sou uma escritora de um tema só. Passei a escrever toda semana para um jornal digital sobre as bagagens de um viajante. A intenção é escrever, sobretudo, sobre as belas lembranças que uma viagem nos traz. Como escrever isso nessa semana? Pela Boate Pulse, pela crise política no país e pelos acontecimentos em meu Estado, durante essa semana, como escrever sobre a beleza? A Comissão Científica me pediu um prelúdio que discorra sobre os Problemas Cruciais para a Psicanálise na atualidade, tema de nosso encontro. Como responder a isso exatamente nessa semana? Um psicanalista tem de estar à altura das questões de seu tempo, escreveu Lacan. Para meus colegas do Campo, o Laciano, e para meus leitores do jornal, nessa semana só tenho este texto abaixo. E o escrevo para que a vida Pulse.

“Apesar de tudo, temos as nossas riquezas, esse vento doce, essa noite de primavera”

Andréa Brunetto

Quando fiz minha primeira viagem à Alemanha, na década passada, fui ao sul, à Baviera. Para mim, uma viagem tem de ser um pouco histórica, pelo menos. Essas viagens que vou lhes contar hoje foram muito históricas. No sul da Alemanha, perto de Munique, estava às voltas com marcos da Segunda Guerra Mundial: O Campo de Concentração de Dachau e o Adlerhorst - O Ninho da Águia, fortaleza dada de presente a Hitler como presente de cinquenta anos. Para as pessoas a quem eu perguntava como ir até essa fortaleza, respondiam-me “Para que ir até lá? Esqueça isso de guerra, vá para Berlim”. Não foi nem uma ou duas vezes. O nazismo ainda é um assunto muito difícil, os alemães preferem pensar no futuro, e o futuro é Berlim.

Não consegui ir à Fortaleza, mas ao Campo de Concentração de Dachau sim. É considerado um campo mais ameno, pois para lá foram enviados, além dos judeus, os presos políticos e muitos padres que no começo do governo de Hitler, se opuseram a ele.

Nos pavilhões onde ficavam os presos, hoje é um museu, com muitas fotos, com recortes de jornais e charges que retratavam bem o que foi a campanha política que elegeu Hitler. Foi uma aula de história e pude entender que Hitler não foi um candidato do povo, e sim o preferido dos grandes empresários da Alemanha da época. Os jornais faziam uma campanha em que era preciso elegê-lo para livrar a Alemanha do perigo do comunismo, da esquerda. Inúmeras charges de monstros vermelhos comendo criancinhas saíam nos jornais. O horror que a revolução bolchevista fez com a família real russa estava representado nas charges com frases como 'se aconteceu com eles, pode acontecer com vocês, fora comunistas'. Andei pelo Campo de Concentração, inclusive pela construção onde foi projetada a Solução Final. Os judeus eram levados como se fossem para banheiros, com chuveiros no teto, entravam e as portas eram trancadas e dos "chuveiros" saía o gás. Saí desse museu de horror dizendo a mim mesma chega!, visitar uma coisa como essa nunca mais. Foram dias para me recuperar do impacto. Sonhava que estava novamente naquele banheiro/crematório em que os judeus entravam achando que iriam tomar banho.

Na páscoa de 2011 estava na Cracóvia, perto da cidade de Oswiecim, onde foi construída Auschwitz. Na sexta-feira da paixão, estive em Auschwitz com minhas amigas Alba Abreu Lima e Carla Storino. No trem que pegamos na Cracóvia, em direção a Oswiecim, já escutávamos as várias línguas do mundo. Nos folhetos que guiam o passeio – se é que se pode chamar isso de passeio – os poloneses contam que os moradores de todas as seis aldeias, Oswiecim e seus arredores, foram transformados de construtores do campo em prisioneiros dele: 60% eram judeus e os outros 40% não-judeus - ciganos, presos políticos, e os que divergiram do regime.

Começamos a visita de forma errada, mas isso acabou nos dando uma lógica diferente, ao final. A visita começaria com Auschwitz I, onde tem o museu e os campos de trabalho, com várias construções que foram oficinas. Em Auschwitz II- Birkenau ficavam os fornos; em Auschwitz III-Monowitz também. Enfim, na estação de trem, tomamos um caminho errado e perdemos de pegar o ônibus que percorria três quilômetros até Auschwitz I. Assim, chegamos direto ao lugar dos fornos crematórios. Em Birkenau, os fornos crematórios foram destruídos pelos nazistas no momento final, quando os aliados estavam chegando, tentando esconder os rastros. Mas é simplesmente horrível chegar lá. Na entrada, os trilhos do trem bifurcam-se em três e as três direções vão dar na mesma: a morte. No lugar onde foram os crematórios estão as construções derrubadas, ruínas, pó e destroços da barbárie. A memória do acontecido está por tudo: nas fotos das pessoas, nas cifras dos números de mortos, nas placas de homenagens.

Mas o pior veio depois, em Auschwitz I, o museu. Entrando lá, de início, os judeus não deviam achar que morreriam. Acho que essa era uma constatação *a posteriori*, no dia a dia das atrocidades. Digo isso porque na entrada tem a placa tão conhecida, pois estava em todos os campos, "o trabalho liberta". Nada de questionar, trabalhe; nada de pensar em crise, trabalhe. E o campo tinha muitas árvores, ainda tem hoje, e muitos blocos, bem construídos, e calçadas e flores - pelo menos agora, na primavera, não é feio. O horror é quando você entra e vê as fotos, a história contada, os objetos pessoais, as malas com objetos pessoais dos que nunca voltaram, os cabelos das mulheres. E artigos de toalete. É uma guerra, as mulheres vão para um campo de trabalho, mas levam mala com roupas, escovas, batons. Nunca imaginavam o que estava por vir.

Havia dois blocos "especiais", um deles dedicado aos poloneses. Uma fila de fotos dos poloneses, fotos de médicos, engenheiros, operários, torneiros, enfim, das profissões mais simples até as supostamente mais elitizadas, fotos tiradas já nos campos, e o que era comum a todos: a agonia, o horror de saber que iriam morrer e que ali tinham perdido

sua humanidade. E o outro bloco era dedicado aos experimentos que Mengele fez com as crianças, o horror feito com as crianças. Nesse não entrei.

Em Birkenau, ao lado das ruínas dos fornos destruídos, tinha várias placas, cada uma em um idioma para que nunca esqueçamos. Tinha uma em português. Mas foi na placa em francês que fiz meus questionamentos. Nela tinha uma coroa de flores colocada pelo grupo de teatro de Aumônerie e pela Escola de Música de Chateaudun. E, na placa, eles escreveram assim em francês: *tant qu'il y aura des étoiles*. É a letra de uma música, que teria mais ou menos o sentido em português: mas haverá estrelas. Por que essa letra exatamente aqui? Por que achar que diante desse real, dessa barbárie inominável, a contemplação da natureza ameniza a dor? Por que as estrelas? Transcrevo um trecho da letra da música a seguir: "Vivemos com a barriga vazia e em uma rua sem fim... morremos de frio e de fome. Mas apesar de tudo temos as nossas riquezas, esse vento doce, essa noite de primavera. Tudo isso é nosso. Aqui com as estrelas. Seremos sempre felizes. Enquanto há estrelas sob as abóbadas do céu". Letra e música de Tino Rossi.

Andando sob o sol ardente, nessa sexta-feira da paixão, lembrava de Elie Wiesel, Primo Levi, Jorge Semprun, Simone Weil, Viktor Frankl, Anne Frank, e sobretudo Imre Kertész, meu escritor preferido. Alguns destes sobreviveram a Auschwitz, para se suicidar depois. Anne Frank pereceu lá. Aliás, Kertész faz uma lista de todos que se suicidaram depois de sobreviverem a Auschwitz.

Saí de Auschwitz I com uma grande curiosidade e uma pergunta, que deixo em aberto. No portão de entrada estava pregada uma fitinha com um número: 36377. Entendi como o número de alguém que sobreviveu ou pereceu no campo. Era uma homenagem. Em um dos pavilhões, havia livros e livros com os números dos prisioneiros e seus nomes. Fiquei procurando o 36377 e não encontrei. Aliás, desisti depois do primeiro livro. Quem é o 36377? Por que não se nomear? Por que manter esse número que foi dado pelo outro, o opressor? Vou responder com o título de crônica de Clarice Lispector: "você não é um número". O ser humano é maior, é inexprimível até mesmo em palavras, quanto mais em números.

Essa é a minha crônica da semana por alguns motivos que creio são maiores do que dizer a vocês que precisam ir à Polônia e conhecer Auschwitz. Auschwitz está em nós, como humanidade. Tudo isso me veio à lembrança semana passada, pois escrevi sobre a Cracóvia e são acontecimentos da mesma viagem. Porém entre a crônica da semana passada e essa aconteceram três coisas que me tocaram profundamente. Uma fronteira de nosso Estado que de seca passou a vermelha: facções criminosas guerreando e se matando na rua, com armamento pesado e arriscando a vida da população de dois países. Mais um conflito indígena no Estado, desta vez em Caarapó: resultou na morte de Clodiode Rodrigues de Souza, um índio jovem, de 26 anos, agente de saúde, e em ferimentos em mais seis índios, um deles ainda criança. E ainda há todas as mortes da Boate Pulse, em Orlando. Quase cinquenta mortos, mais de cinquenta feridos em um ataque cruel, violento.

Continuamos muito despreparados para conviver com nosso próximo, quando o vemos como estrangeiro, seja judeu, cigano, homossexual, negro, índio, mulher, criança. Volto à música de Tino Rossi que li no Campo de Concentração de Auschwitz, deixada por alguém que foi fazer uma homenagem: "vivemos com a barriga vazia, em uma rua sem fim." Essa minha crônica é para que não seja esquecido o que não pode ser esquecido.

Prelúdio 7

“Problemas cruciais para a psicanálise na atualidade”

A Prática psicanalítica no Zeitgeist da virtualidade

Kátia Botelho

“Ó polegada de natureza!”

George Wilkins

A atualidade, sabemos todos, é o virtual.

Vivemos nosso dia a dia, assim como nossa noite adentro, imersos no mundo virtual. Hoje, não se espera chegar em casa ou ao escritório para se ter acesso aos correios eletrônicos. O mundo virtual se adiantou a nós: estamos todos siderados; os I-phones e Androids estão acoplados aos nossos corpos, se tornaram parte integrante de nossa existência “real”, isso é inelutável! É fato irreversível!

Os gadgets comunicacionais nos alcançam onde quer que estejamos, com seus avisos perturbadores - suas campainhas de alerta – a informação chega e nos constrange, quer que nos ocupemos com ela... impossível resistir!

E-mails de trabalho, grupos de WattsApp os mais diversos, redes sociais, facebook, twitter, instagram, facetime, inúmeros aplicativos que se fizeram imprescindíveis para a vida no século XXI!

Muitos já nem se ocupam de olhar para os lados ao atravessar uma rua, estão ligados na tela dos celulares. E as novas leis de proteção aos pedestres vieram oferecer um chão seguro para essas incursões “urgentes”, inadiáveis. Não sem mencionar os fones acoplados aos ouvidos e microfones colados à boca falante.

Como não lembrar o dizer de Freud em 1929, em seu sempre atual “O mal estar na civilização”? Comentando as coisas que o homem fez surgir na Terra - lugar onde ele aparece “como um débil organismo animal”, desamparado e, a seguir, alcançando as vantagens que a realização de todos foi se constituindo como “aquisição cultural sua” - Freud nos adverte de que esse mesmo homem formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses, os quais constituíam ideais culturais. (Freud, 1929-30, p.111) Com os avanços científicos e seus derivados tecnológicos, o homem se tornou uma espécie de “Deus de prótese”, cada vez mais fascinado pelo exercício da fantasia de onipotência infantil! E Freud acrescenta: “Quando

faz uso de todos os seus órgãos auxiliares, ele é verdadeiramente magnífico; esses órgãos, porém, não cresceram nele e, às vezes, ainda lhe causam muitas dificuldades... As épocas futuras trarão com elas novos e inimagináveis grandes avanços nesse campo da civilização e aumentarão ainda mais a semelhança do homem com Deus". (Idem, p.112)

Curioso como essa escrita me remeteu a um livro antigo, de 1964: " Os meios de comunicação como extensões do homem", de Marshall McLuhan. Interessante sua leitura do mito de Narciso, que vem da palavra grega *narcosis*, entorpecimento: " O jovem Narciso tomou seu próprio reflexo na água por outra pessoa. A extensão de si mesmo, pelo espelho, embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou refletida". McLuhan (1964, p.59) explica que os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios. E que "... os meios, como extensão de nossos sentidos, estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida em que se inter-relacionam". (Idem, p.72)

Foi a partir daí que passou a circular entre os intelectuais o aforismo: O meio é a mensagem; na medida em que é ele que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas, enquanto que o conteúdo ou uso desses meios são tão diversos quanto ineficazes na estruturação dessas mesmas formas. (Idem, p.23) Além disso, McLuhan nos explica que os meios, ou extensões do homem, são agentes "produtores de acontecimentos", mas não agentes "produtores de consciência".

Mas, o que isso tem a ver com a psicanálise, o psicanalista e os problemas cruciais na atualidade?

No V Encontro da Escola que ocorrerá em julho/2016 lemos essa apresentação do tema a ser trabalhado pelos analistas: "O DESEJO DE PSICANÁLISE, OU "A EXPANSÃO DO ATO ANALÍTICO". Esse tema, "o desejo de psicanálise" visa a presença da psicanálise no discurso atual, o que chamamos habitualmente "a extensão". Mas é necessário precisar, conforme a definição dada por Lacan, que não se trata da difusão do discurso sobre a psicanálise, nem mesmo da multiplicação dos psicanalistas autodeclarados, mas "da expansão do ato". É a condição para que haja falantes que se analisam. Dito de outro modo, trata-se da psicanálise "em intensão", inseparável de seu "horizonte" de extensão, pois é em ato que ela deve fazer a diferença em relação às psicoterapias polimorfos.

Destaco a frase: **É a condição para que haja falantes que se analisam.**

A expansão do ato é a condição. Ou seja, mais além dos efeitos terapêuticos de uma análise, mais além de uma transmissão aos moldes das sociedades psicanalíticas

promotoras da lógica do Um, o que está em causa na Escola de Lacan é a produção de uma verdadeira novidade: analistas transformados pela experiência de uma análise.

Lacan se colocava essa questão crucial, a de comprovar em quê o saber psicanalítico acrescentaria ou não, como efeito de sua prática, algo novo à cultura.

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” Lacan apontava o fato de que “...nenhum ensino fala do que é psicanálise”, isto é, fora da sua Escola; nos outros lugares, cuidava-se apenas de que ela fosse *conforme*, uma “cooptação de doutos”. (Lacan, 1967, p.250) No intuito de remediar tal cooptação, promotora de um retorno ao “status de imponência”, que conjuga “pregnância narcísica” com “astúcia competitiva”, trata-se de eliminar tal negligência reconhecendo a falha que recai sobre a prática da psicanálise. O que aponta para a articulação inseparável entre “... psicanálise em extensão...função de nossa Escola no mundo, e psicanálise em intensão...que prepara operadores para ela”. E nos leva ao ponto crucial do problema: “...constituir a psicanálise como uma experiência original, levá-la ao ponto em que nela figure a finitude, para permitir o *posterior* efeito de tempo, que, como sabemos, lhe é radical”. (idem, p.251)

O que distingue a psicanálise das psicoterapias polimorfos será esse analista - objeto produto de uma análise - que pode dizer como foi a experiência que resultou dessa operação sobre o amor e o desejo, a partir de um saber que produz algo novo, radicalmente distinta da terapêutica, que se dirige “... ao restabelecimento de um estado primário”. (idem, p.251)

Encontra-se na revista CULT de maio de 2015 um dossiê intitulado “ Psicanálise: Marginal?”, cuja leitura recomendo vivamente. Os 12 verbetes arrolados nesse dossiê podem ser “...tomados como um instantâneo do que pensam alguns psicanalistas que atualmente exercem a psicanálise nos mais variados contextos em São Paulo, independentemente de serem iniciantes na prática ou já terem um consolidado percurso”. (CULT, ano 18, maio 2015)

Dentre eles sublinho o verbete Internet, que começa assinalando o quanto a mesma desafia a psicanálise expondo a inconsistência de sua unidade da clínica à política, passando pelas teorias, a partir da incessante circulação de saberes que ela veicula, fazendo vacilar o suporte de qualquer discurso que afirme “isto é psicanálise”. O fato de que todas as escolas e sociedades ditas psicanalíticas estejam listadas no Google faz esse significativo “explodir em possibilidades de sentido, dado que a Internet propicia uma profusão de outros significantes a partir dos quais esse possa se significar”. (idem, p.45) Tal fato pode nos levar a pensar que o Google “sabe” o que é psicanálise, ou pelo menos denunciar as equivalências entre as verdades proclamadas pelas várias instituições. Entretanto, no parágrafo seguinte, o autor retoma esse aspecto de inconsistência da psicanálise apontada pela tecnologia, na vertente de sua materialidade, ou seja, na sua dimensão de “meio” que se infiltra a passos largos na prática psicanalítica. Alude timidamente ao WhatsApp como meio para remarcação de uma sessão e ao Skype como meio para reposição de uma sessão. Mas ouve-se aqui e ali que alguns analistas, seja lá

de onde forem, se lançam mais além dessa inocente incursão via gadgets, em suas práticas clínicas. O que leva o autor do verbete a colocar certas questões que pareciam estar resolvidas: “o estatuto do corpo em uma análise; a emergência de um analista onipresente; a clínica atravessada pelas ferramentas de seu tempo; o lugar da imagem e do olhar em uma análise; e outras variáveis do *setting* analítico”.

Faço aqui uma provocação/convocação: que os analistas da Escola de Lacan apresentem relatos e articulações concernentes às suas experiências nesse novo tempo de sideração virtual. O verbete em questão termina dizendo que a psicanálise na Internet é objeto, e está à mercê da virulência que infesta a rede. Quanto a esse ponto, sabemos, não é nem privilégio nem fardo apenas para a psicanálise!

O que importa sobretudo para nós, analistas da Escola - particularmente da EPFCL – é pensar, conversar e escrever sobre o que a Internet, assim como todos os gadgets, tem sido e poderão vir a ser na prática da psicanálise – essa que se distingue das psicoterapias – por levar ao incurável e irreversível produto de um saber novo: um analista!

Referências Bibliográficas

FREUD, S. (1929-30) O mal estar na civilização. in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.XXI, p. 111-112.

LACAN, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, in **Outros Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 248-264.

McLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix Ltda.

LEITE, N. & Goldenberg, R. Dossiê Psicanálise: Marginal? in *Cult – Revista Brasileira de Cultura*. São Paulo: Editora Bregantini, Maio 2015, Ano 18, p.32-48